



Um salto e tanto na carreira

Depois de participar de diversos festivais, Jefferson Ferreira divide o palco com Marília Pêra e Miguel Falabella no musical Alô, Dolly!

Por Heloiza Gomes

Fotos Sheila Guimarães

A trajetória até chegar ao palco do Teatro Oi Casa Grande, no Rio, não foi fácil. Mas valeu a pena. Hoje, Jefferson Ferreira divide a cena com Marília Pêra e Miguel Falabella no musical *Alô, Dolly!* Aos 23 anos, ele é o mais novo entre os cinco bailarinos que participam do espetáculo. Todos escolhidos através de teste. A seleção, da qual participaram 60 profissionais, ocorreu em três fases – as duas primeiras no Rio e a terceira em São Paulo. Antes da última, no entanto, ele teve de tomar uma decisão arriscada: pedir demissão do emprego seguro de analista financeiro. Do contrário, não teria como viajar para São Paulo, já que é morador de Campo Grande, no Rio.

Participar da última etapa da seleção, claro, não era garantia de ser aprovado. Portanto, Jefferson corria o risco de volta à cidade natal, com uma mão na frente e outra atrás. Mas deu tudo certo. Em julho deste ano, ele foi o primeiro nome a ser aprovado e já saiu de São Paulo com um contrato válido até setembro de 2013. “Foi a realização de um sonho”, diz o bailarino, que começou a dançar aos 18 anos – tarde para os padrões, já que a maioria começa aos 5.

O início tardio tem uma explicação. Jefferson gostava mesmo era de teatro e fazia peças na escola desde pequeno. “Mas quando encontrei a dança larguei o teatro mesmo”, conta. A troca aconteceu em 2007, quando ele começou a estudar jazz e hip-hop, na Escola Santa Bárbara (Campo Grande, Rio). No ano seguinte, a diretora lhe ofereceu uma bolsa para fazer todas as modalidades. Aí, começou o corre-corre. Jefferson passou a conciliar as aulas de balé e jazz, com a faculdade de Estatística na UERJ, o estágio numa empresa de telefonia e os festivais. “Só dormia quatro horas por dia, pois moro em Campo Grande (zona oeste do Rio) e trabalhava em Botafogo (zona sul da

cidade)”, lembra. O esforço foi sendo recompensado aos poucos. Jefferson participou de diversos festivais – “Perdi até a conta”, fala – e, dentre os prêmios que conquistou, três o tocaram de forma especial. “Fui o melhor bailarino duas vezes no Vidança e um, no Primeiros Passos. Não tem emoção igual”, garante.

Qual foi a maior dificuldade que você enfrentou ao se iniciar no balé?

Foi a idade. Comecei com 18 anos, então, não podia fazer aulas com as crianças, tive de pular etapas e, quando isso acontece, pula-se o beabá. E, em festivais, os jurados não querem saber quanto tempo você tem, com que idade começou. Normalmente, as pessoas começam a estudar balé com 5, 6 anos.

O que você diria que foi o seu aliado nessa fase?

Ganhei no carisma, mais do que na técnica. Até hoje, não vejo tantos bailarinos que interpretam. Isso que me ajudou, fez com que me destacasse. Comecei a fazer festivais, como os de Paraty e São Paulo. Aí, que fui perceber que eu era totalmente leigo (risos).

Você é formado em Estatística.

Como se deu a troca pelos palcos?

Trabalhava em uma empresa de telefonia como analista financeiro, fui estagiário e, quando me formei, fui contratado. Fiquei um ano e meio lá, mais ou menos. A resposta do teste para o *Alô, Dolly!* saiu em meados de julho, para começar a ensaiar no começo de agosto. Foi o momento em que tive de escolher. Quem trabalha com arte, e tem uma chance de ser um pouco bem sucedido, não pode desperdiçar a oportunidade.

Fazer um musical já era um desejo?

Olha, mais do que uma companhia de dança, musical era o que me encantava. Dançar, interpretar e cantar. Agora, inclusive, o próximo passo é fazer aulas de canto. Sei que, para participar de musicais, não precisa ser um grande cantor, mas, dos três, é no que sou mais fraco.

E como você chegou à seleção de *Alô Dolly!*?

Eu tinha resistência às redes sociais. Aí, ganhei medalha de bronze no Festival Passo de Arte, em São Paulo, e o Caio Nunes, que é coreógrafo e dá aulas de musicais, pediu o meu Facebook. Não tinha e abri uma conta. E vi o banner da seleção para o espetáculo.

E como foi a seleção?

Sou o mais novo dos meninos, o único que não conhecia ninguém e nem era conhecido por ninguém (*risos*). Eram 60 para cinco vagas. Foram três fases e a terceira foi em São Paulo. Aí, tive de sair do emprego largar tudo. E, graças a Deus, voltei de lá já contratado. Dos bailarinos, fui o primeiro nome escolhido.

É o seu primeiro espetáculo profissional?

Até aqui, eu só tinha participado dos espetáculos de fim de ano da escola.

Como está a sua rotina?

Virei professor da escola e, pela primeira vez, estou dirigin-

do uma montagem, o de fim de ano. Trabalho lá de segunda a quarta e, de quinta a domingo, faço o espetáculo, seis sessões por semana. E tenho feito aulas uma vez na semana. Todo bailarino tem sempre que fazer aula, faz falta, trabalha o corpo.

E, para o *Alô, Dolly!*, tem alguma preparação especial para entrar em cena?

A gente chega duas horas antes, faz aquecimento corporal por 15 minutos, lancha e, durante uma hora e meia, se prepara para entrar em cena, se maquinado, colocando o figurino...

E que tal estar num musical desse quilate?

Não consigo não ficar emocionado com a Marília Pêra e o

Miguel me faz rir o tempo todo. É um sonho realizado. Sempre leio em entrevistas todo artista dizendo que tem de ter frio na barriga, antes de entrar em cena, se não tiver... Pois é o que sinto, um aperto no coração.

E o que você já ganhou nesse primeiro mês em cartaz, dividindo o palco com artistas experientes como Marília Pêra e Miguel Falabella?

Aqui, não se pode dormir no ponto. Fiquei mais alerta com as coisas e isso me fez amadurecer no lado pessoal e como bailarino. Todo mundo se ajuda, independentemente do nível da pirâmide em que está. Marília e Miguel são pessoas maravilhosas!

Jefferson
posa na porta
do teatro,
horas antes de
entrar em cena

